

## Breve leitura das reportagens vencedoras do Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo (2013-2016)<sup>1</sup>

Luana Micheli Gras TEIXEIRA<sup>2</sup>

Maiara Rudinea RAUBER<sup>3</sup>

Rafaela de Moraes RODRIGUES<sup>4</sup>

Reges SCHWAAB<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### RESUMO

O texto reflete sobre aspectos da reportagem e da crônica jornalística tendo como recorte empírico reportagens destacadas pelo Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo, promovido pela *Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano*, nos anos de 2013 a 2016. Nossa leitura busca pistas sobre interfaces presentes na narrativa jornalística e o acolhimento de emergências da América Latina, seja pelas recorrências temáticas, bem como nos modos de entrelaçamento das narrativas, considerando o que é evidenciado no trabalho de cada repórter, ou seja, o que dão a conhecer sobre o mundo e sobre as práticas jornalísticas, em especial pelo depoimento dos jornalistas vencedores na categoria “texto” do Prêmio.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Reportagem; Crônica; Narrativa; América Latina.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O legado jornalístico do colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), carinhosamente chamado de *Gabo*, continua dinamizando aspectos da produção narrativa na América Latina (AL). A atuação da *Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano* (FNPI), idealizada pelo escritor, ajuda a impulsionar, por meio de diferentes iniciativas, a escritura periodística ampliada e de excelência. Recentemente, o incentivo de uma premiação, que leva o nome de Gabo, tem destacado trabalhos jornalísticos em língua espanhola ou portuguesa e seu investimento na poética da reportagem, na inovação e na coerência ética. O presente artigo, originado de um projeto de pesquisa em andamento, cujo foco empírico são reportagens sobre emergências e questões da AL, toma o *Prêmio* como modo de entrada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Acadêmica de Jornalismo, UFSM – Campus Frederico Westphalen, e-mail: luanateixeira2@hotmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica de Jornalismo, UFSM – Campus Frederico Westphalen, e-mail: maiararauber@gmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica de Jornalismo, UFSM – Campus Frederico Westphalen, e-mail: rafa\_ela\_rodrigues@hotmail.com.

<sup>5</sup> Orientador do trabalho, professor do Departamento de Ciências da Comunicação (Campus Frederico Westphalen) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, e-mail: reges.ts@gmail.com.

para discutir elementos para pensar a reportagem e seus modos de encadeamento, em especial observando seu potencial de reconhecimento do Outro, do tempo e do espaço.

A cronista Leila Guerreiro, em texto no portal do jornal *El País Brasil*, escreve que, para além do valor da obra de ficção, talvez uma das maiores contribuições de Gabriel García Márquez ao ofício do jornalismo “tenha sido o de afirmar, durante toda a sua vida, que ele era, sobretudo, um jornalista, e de dar mostras — com fatos concretos e declarações nas quais dizia coisas como “Aprendi a escrever contos escrevendo crônicas e reportagens” ou “O jornalismo me ajudou a escrever”— de que falava sério”.<sup>6</sup> Anualmente, ao verificarmos a listagem de concorrentes ao *Prêmio Gabriel García Márquez de Periodismo/Jornalismo*, estamos diante de um emaranhado narrativo singular para pensar modos de articulação da produção narrativa na AL, explorando alguns aspectos das cartografias possíveis, em especial nas reportagens e crônicas, nosso foco de análise.

Em 2013, na primeira edição do prêmio recebeu, a FNPI recebeu 1.379 inscrições, vindas de 30 países. Na segunda edição, em 2014 os trabalhos apresentados para o concurso aumentaram para 1.400, originados de 35 países. Os números continuaram crescendo em 2015 e 2016. São quatro categorias: texto, fotografia, cobertura, inovação e prêmios especiais. Quando a FNPI surgiu, a internet ainda engatinhava. O impacto da rede, todavia, pode ser visualizado hoje na profusão de trabalhos e meios de origem dos concorrentes. Inclusive nesse sentido, a atuação da *Fundación* tem sido forte enquanto centro de formação e desenvolvimento profissional de jornalistas da América Latina. São 21 anos de atividade, com mais de 120 professores e conselheiros em sua rede de colaboradores, tendo já contabilizado mais de 800 atividades voltadas ao jornalismo e ao legado de Gabo.<sup>7</sup>

Acompanhar as transformações e colocá-las em debate, propondo pensar as realidades da comunicação ibero-americana, aparece como tarefa. O próprio Gabo afirmava: “No caso específico do jornalismo, parece que a profissão não conseguiu evoluir na mesma velocidade que seus instrumentos, e os jornalistas se perderam no labirinto de uma tecnologia em disparada desenfreada para o futuro” (FNPI, 2014). No eco da força narrativa da obra de seu fundador, o ressurgimento da crônica jornalística é alimentado por iniciativas de apoio e formação, sublinhando as raízes da narrativa na história cultural da AL. Seja em seu formato nos países de fala hispânica (crônica

<sup>6</sup> Disponível em: <http://tinyurl.com/m5ug87n>. Acesso em: 17 abr. 2017.

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.fnpi.org>. Acesso em: 8 jan. 2017.

periodística), seja no sentido da reportagem no caso do jornalismo brasileiro, a leitura mais ampliada, autoral e independente dos contextos sociais parece ser o grande foco de investimento. Nessa direção, uma das linhas de atuação da FNPI enfoca iniciativas de narração jornalística, num viés de formar para “reportagem, relato e edição de histórias com valor jornalístico, estimular o jornalismo narrativo e apoiar novas gerações de autores” (FNPI, 2014). Navegar pelo site e pelos relatórios da FNPI permite já visualizar, muito facilmente, a costura de uma rede desses novos narradores, geograficamente aberta pelos países da AL, porém mantendo em contexto a experiência de nomes já consagrados da crônica e da reportagem e, em sentido amplo, o papel de Gabo como figura propulsora.

### **Movimentos de leitura**

Os movimentos empíricos realizados para este artigo compreendem uma leitura geral das reportagens concorrentes na Categoria Texto do *Premio Gabriel García Márquez de Periodismo* entre 2013 e 2016 e posterior construção de dados comparativos e específicos. Partimos das informações necessárias para o estudo, desde o levantamento sobre os repórteres nomeados para a disputa do prêmio, características de seus trabalhos e meios de publicação, recorrência de nomes, meios jornalísticos e países ao longo dos quatro anos. A seguir, passamos para um recorrido das características das quatro reportagens premiadas, uma de cada ano, observando, em especial, fontes acionadas e citadas, modos de encadeamento da narrativas e direcionamentos temáticos. Observados tais aspectos, fechamos nosso gesto de leitura no contato com os vencedores da categoria. Seus relatos compreenderam a origem da pauta, a importância de narrar sobre o tema e seu modo de compreender o próprio trabalho e seus aspectos narrativos.

Os premiados foram, em ordem cronológica, Alejandro Almazan, com o texto “Carta desde La laguna”, publicado pela revista *Gatopardo*, do México; Eduardo Suárez, autor de “Exxon Valdez: una mancha de 25 años”, publicado em *El Mundo*, da Espanha; Javier Sinay, com o trabalho “Rápido, furioso, muerto”, publicado pela edição argentina da revista *Rolling Stone*; e, por fim, a brasileira Natália Viana, da Agência Pública de Jornalismo Investigativo, com a reportagem “São Gabriel e seus Demônios”,

vencedora de 2016.<sup>8</sup> Os textos são brevemente apresentados a seguir, destacando a presença das fontes acionadas pelos jornalistas na construção de suas narrativas.

A reportagem *Carta de la Laguna*, ganhadora do prêmio em 2013 na categoria crônica, foi produzida pelo jornalista Alejandro Almazan, da revista mexicana Gatopardo. O tema é a guerra entre os Cartéis de Sinaloa e los Zetas, organizações criminosas dedicadas ao tráfico de drogas no México, que espalharam terror nas cidades de Gómez Palacio, Durango y Torreón, Coahuila, formando a área de la Laguna, território em que prospera a morte, segundo o texto. No cotejo sobre as fontes acionadas pelo narrador, identificamos no texto duas fontes especializadas, sendo elas um ex-policia municipal de la Laguna e o gerente do Funeral *Del Pueblo*, ponto de apoio para articular a narrativa (a prosperidade da morte); depois, como fontes oficiais, a prefeita e um vereador. Observamos também a presença majoritária de fontes testemunhais, incluindo fontes que procuravam seus filhos, supostamente sequestrados, e um traficante que ensina táticas e gírias do meio, além do guia que auxilia o repórter. Por fim, outras dez fontes são encontradas ao longo do texto, fora dos tipos citados.

A reportagem de Eduardo Suárez, publicada no diário espanhol *El Mundo*, intitulada “Exxon Valdez: uma mancha de 25 años”, foi premiada em 2014. Explora a história de moradores que vivem as consequências de um desastre ambiental ocasionado pelo acidente de um navio de petróleo, em 1989, no Alasca. O texto trata de uma viagem a cidade de Cordova, onde os habitantes detalham ao jornalista o impacto do acontecimento na pesca, na fauna em geral, e para os povos indígenas. Suárez traz no texto um total de 12 fontes, sendo quatro especializadas (historiador, escritora, secretaria do Sindicato de Pescadores, oceanógrafo), uma oficial, porém contabilizada entre os afetados (o vice-presidente indígena), uma documental, o relatório de autoridades responsáveis pelo acidente e seis testemunhais, nas quais vemos, entre outros, um conhecedor da fauna local, um morador que ajudou na recuperação dos animais, um casal de pescadores, que trazem relatos sobre o desastre.

No terceiro ano de premiação (2015), o ganhador na categoria texto foi Javier Sinay, da Argentina. A reportagem “Rápido, furioso, muerto”, publicada na revista *Rolling Stone* de seu país, conta o caso de Axel Lucero, um adolescente de 16 anos, fanático por motos, que tentou roubar um policial à paisana na cidade de La Plata, Buenos Aires e acabou morto. O caso de Lucero serve como testemunho de uma

<sup>8</sup> A jornalista brasileira Natalia Viana, vencedora da edição de 2016, não respondeu aos questionamentos da pesquisa.

realidade dos bairros da periferia na Argentina, onde jovens compram, vendem, mudam, montam e desmontam motos constantemente. A reportagem também discute o uso de armas por parte dos policiais fora do horário de trabalho, assunto polêmico no país. Na classificação das fontes acionadas para o relato temos quatro vozes especializadas, uma institucional, um meio-fonte (material da rede social *Facebook*) e, em maior número, a categoria de fontes testemunhais (nove).

Na edição mais recente, em 2016, a vencedora foi a brasileira Natalia Viana. A reportagem “São Gabriel e seus Demônios”, publicada pela *Agência Pública*, traz o relato da repórter no alto rio Negro, no Amazonas, trabalhando o município “mais indígena do país” e que tem o maior índice de suicídios. São Gabriel da Cachoeira, no extremo oeste do Amazonas, é palco do maior índice de mortes auto infligidas, em sua maioria por adolescentes. Aparecem os relatos dos moradores que conviveram com a situação e apontam como fatores das mortes “seres da escuridão, parentes mortos, e até mesmo o diabo”. Um grande número de fontes aparece, se comparada essa narrativa com as reportagens dos anos anteriores. São verificadas 48 fontes citadas, nomeadamente 12 especializadas, oito oficiais, mesmo número de fontes documentais, três institucionais e nove indígenas. Há cinco citações a outros meios jornalísticos como fontes e três testemunhais, pessoas que acompanharam casos.

Entre os anos de 2013 e 2016, verificamos que quatro jornalistas concorreram ao prêmio mais de uma vez, todos com duas indicações. Gabriela Garcia foi nomeada nos anos de 2013 e 2014, com as reportagens “Por qué se suicidó Gabriela” e “40 años del golpe: los niños violentados”, representando a revista *Paula*, do Chile. A brasileira Natalia Viana, ganhadora em 2016, havia concorrido também em 2013 com a reportagem “Especial Paraguai Parte 1 a 6 (O bispo e seus tubarões)”, e, na edição mais recente, com “São Gabriel e seus demônios”, ambas pela *Agência Pública*. Carlos Martinez concorreu nos anos de 2013 e 2016 com as reportagens “El viaje de la mara salvatrucha” e “Las fuerzas de seguridad son un barril de dinamita”, representando *El Farol*, de El Salvador. Por fim Catarina Gomes, nomeada nos anos de 2015 e 2016, com as reportagens “Infâncias de vitrine” e “Quem é o filho que António deixou na guerra?”, representando o jornal *Público*, de Portugal.

Nos quatro anos analisados, participaram na categoria texto jornalistas de doze diferentes países da América Latina. Três países se destacam no *Prêmio de Gabriel García Márquez* pela recorrência: Peru, com oito participações; Argentina, com sete; e

México, com cinco finalistas. Na mesma contabilização, vemos 21 meios de comunicação diferentes como participantes, com relevo para a presença das revistas *Etiqueta Negra/Etiqueta Verde* (Peru) com o maior número de indicações, nove, mesmo sem ter sido premiada. No levantamento temático, os mais encontrados entre as reportagens finalistas são: (1) violência, (2) cultura, (3) política, (4) luta das mulheres e/ou direitos humanos e, por fim, (5) outros.

Entre os anos 2013 a 2015, considerando todos os 40 finalistas, dez a cada ano, finalistas, a quantidade de reportagens com o tema a violência cresceu significativamente. O tema violência esteve presente 14 vezes nas reportagens, sendo que no primeiro ano três tiveram esse cunho, como é o caso do texto de Diego Osnoro, da revista *Chilango* (Grupo Editorial Expansión), “La matachilangos y sus cómplices”, em que ressalta a quantidade de mortos geradas pelo uso da arma “9 mm”, e que este número tem uma grande influência pelos matachilengos, um grupo que usa e vende armas, gerando investigações sobre assassinato, sequestro ou crime organizado. Já no ano de 2014 a quantidade de reportagens voltadas para a problemática da violência foi de cinco entre as dez finalistas. Uma delas é de Alexandra Samper, do *El Malpensante*, “El secuestro de la Chiva”, relatando o testemunho de Guillermo Cortéz, em seu sequestro de 205 dias. A vítima narra toda a incerteza, o sofrimento e o tratamento cruel dos guerrilheiros durante todos os dias de retenção. Em 2015, ano seguinte, a violência aparece seis vezes como tema entre as finalistas. Para representar as reportagens desse ano, podemos citar o trabalho do repórter de *El País*, Daneil Iguzkiza, com a matéria “Mi marido me secuestró”, que conta de uma tradição em Quirguistão, sobre homens que não possuem dinheiro para pagar os dotes às famílias das mulheres com desejam se casar e por esse motivo realizam sequestros para casar, obrigando-as, ainda, a terem filhos com eles. Atualmente, esses sequestros são contra a lei. Raramente são reportados às autoridades pelos familiares das mulheres, todavia, por se tratar de elemento da cultura daquele local.

Cultura e variedades tiveram espaço em todos os anos, em um total de oito reportagens. O relato de Daniel Samper, de *SOHO*, por exemplo, é sobre a cultura do futebol. Mais especificamente sobre a vitória do Time Santa Fé, na reportagem “Santa Fe campeón: crónica de camerino” (2013), na qual é contado, do início até o final, uma partida de futebol do time. No ano seguinte, a cultura foi para outro campo e algumas reportagens voltaram-se para os livros. A literatura em si adquire lugares diferentes na

cultura, como no relato da luta de um bibliotecário contra ladrões de livros antigos, escrita por David Hidalgo, da revista *Etiqueta Negra*, “Un experto en ángeles y santos persigue a ladrones de libros”. No ano de 2015, Santiago Wills, também da *Etiqueta Negra*, em “Cisne Negro”, fala sobre a superação de um afro americano na dança, mais especificamente no balé. Na reportagem, “El señor de las papas”, apresentada em 2016 por Eliezer Budasoff, novamente representando a revista *Etiqueta Negra*, aparece a história de um cultivador de variedades de batatas no Andes.

### **A visão dos ganhadores**

Após o recorrido pelo conjunto de textos, demarcando alguns aspectos que se destacam, retomamos nosso olhar sobre os ganhadores de cada ano. Estabelecido contato virtual com os jornalistas vencedores, obtivemos respostas de Alejandro Almazan, Eduardo Suárez e Javier Sinay, ganhadores, respectivamente em 2013, 2014 e 2015. Para todos encaminhamos as mesmas questões, buscando, essencialmente, ter conhecimento da percepção do próprio jornalista sobre modos de construção e classificação do trabalho que apresentaram ao *Prêmio*.

Alejandro Almazan diz que antes de “Carta desde la Laguna”, reportagem vencedora de 2013, já havia ido a muitos “campos de batalha” e que há anos atua reportando sobre a violência. Segundo o jornalista, La Laguna é uma das tantas zonas de guerra que sangram o México. No começo de 2013, uma nova batalha estava iniciando: “Los Zetas intentaban arrebatarse la plaza al cártel de Sinaloa”. Mesmo passando por situações de sua vida pessoal naquele momento, afirma na entrevista via e-mail, que seus problemas particulares não significam “la muerte”. Em La Laguna sim “la muerte era real y no vacilaba”. E completa: foi à La Laguna com o “corazón partido”:

Ignoro si esto influyó en el texto, en la investigación, en mis preguntas. Lo que sí sé es que tenía la necesidad de contarle a quien me leyera que en La Laguna la muerte era ra/es incansable, que era/es un hoyo negro de violencia, que era/es el país que perdimos por indolencia (ALMAZAN, 2016).<sup>9</sup>

Aos três jornalistas respondentes, perguntamos como definiriam a crônica ou a reportagem jornalística que produziram, ou seja, de que modo classificar a narrativa

---

<sup>9</sup> Todos os trechos em espanhol são das entrevistas concedidas pelos jornalistas ao projeto de pesquisa que origina o presente texto, via e-mail. Optamos por mantê-los na língua original como parte do contexto que nos cerca, ou seja, nossa realidade latino-americana, que é múltipla.

ofertada aos seus leitores. Nesse primeiro caso, “Carta desde La laguna”, temos a seguinte proposição:

A veces creo que es una **carta** para mí mismo. A veces creo que es un ensayo. E incluso creo que es un "pienso" que a nadie le interesa. Pero también he pensado que es un **texto periodístico**, algo **cercano a un reportaje sin el corsé del periodismo ortodoxo**. Algo que es familiar de la crónica, del guión de cine, de la literatura, del documental. Soy fiel creyente del periodismo y de la literatura. Creo en el uso de cualquier andamiaje literario que ayude a que el lector a ver y a escuchar la palabra escrita. Creo en que, para contar una historia, debemos robarle la magia a la literatura (excepto la mentira porque nosotros trabajamos con la verdad --al menos la nuestra--). Juan Villoro [jornalista e escritor mexicano] dice que la crónica es un ornitorrinco. *Carta desde la Laguna* es un mamífero con pico de pato, cola de castor y patas de nutria y que, además, pone huevos y es venenoso (ALMAZAN, 2016, grifos nossos).

Publicado por *El Mundo*, da Espanha, o texto de Eduardo Suárez, “Exxon Valdez: una mancha de 25 años”, é definido pelo autor como **reportagem**. Segundo ele, trata-se de um gênero que conta uma história relevante para a atualidade, ou que seja de interesse humano, por meio dos testemunhos de seus protagonistas. Relembra que seus colegas latino-americanos costumam falar de crônica. Para ele, no entanto, não há diferença entre ela e a reportagem. E acrescenta, ressaltando suas qualidades estéticas, ou a poética narrativa, temperada e sustentada pelo rigor da apuração dos dados:

En un **reportaje** es importante la voz literaria. Pero es mucho más importante el rigor al reunir los testimonios y al examinar los datos del asunto que vas a contar. Mi estilo es sencillo y sin adornos innecesarios. Intento recordar que lo más importante es lo que estoy contando. Intento pensar en la sobriedad de estilo de las películas de John Ford. También intento mirar los hechos con una cierta distancia. El periodista debe ser un observador independiente, nunca un abogado de su fuente. El **reportaje** de Alaska da voz a las víctimas del vertido. Pero expone los motivos de la empresa y creo que explica por qué muchos habitantes del estado están a favor de explotar los recursos naturales pese a lo que ocurrió (SUÁREZ, 2016, grifos nossos).

A reportagem sobre o desastre do derramamento de óleo por parte da empresa Exxon Valdez não foi ideia do jornalista. A pauta surgiu pelas mãos do editor de ciência do jornal, Pablo Jáuregui, junto com o diretor adjunto do periódico, Agustín Pery. Faltavam poucos meses para os 25 anos da catástrofe ecológica e a ideia era ir ao Alasca para averiguar o impacto ao longo dos anos. Para a Espanha a pauta tinha relevância por alguns motivos especiais, afirma. A região da costa da Galícia havia presenciado um

acontecimento semelhante e bastante grave no começo do século 21, com o naufrágio do petroleiro Prestige. Além disso, o governo espanhol havia autorizado a prospecção de petróleo nas Ilhas Canárias, o que gerou protestos de ecologistas e de habitantes das Ilhas. O jornal, completa, não deu muitas diretrizes para a abordagem. Em seu relato, por e-mail, o jornalista revela a construção da abordagem, que exigiu dele estudo das nuances do tema:

Lo primero que hice fue leer varios libros sobre lo que había ocurrido y sobre la empresa en cuestión. ‘Private Empire’ de Steve Coll fue especialmente útil en lo referente al contexto del accidente y de la reacción de Exxon. ‘The heart of the Sound’ de Marybeth Holleman, más literario, me ayudó a comprender la importancia del Estuario del Príncipe Guillermo, el lugar que sufrió el impacto del vertido. No tenía muy claro dónde volar. El vertido manchó miles de millas de costa. Estuve a punto de ir a un pueblo que apenas había sufrido el impacto del desastre del Exxon Valdez. Al final di con el lugar ideal: un pequeño pueblo llamado Cordova cuyos habitantes me ayudaron a comprender hasta qué punto seguía vivo el impacto de lo que había ocurrido 25 años antes. La historia es el fruto de esas entrevistas con vecinos que vivieron el desastre: unos pescadores, un tipo que vivía en una cabaña y que llegó al barco unas horas después del accidente, una vecina que ayudó a los pescadores con las indemnizaciones, unas indígenas o un librero que ayudó a rescatar animales en la región. El reportaje incluye sus testimonios pero también algunos datos contrastados con la guardia costera y con cifras de procesos judiciales y ONG. El reporte me llevó una semana en Alaska y escribir el reportaje me llevó otra semana más en Nueva York. (SUÁREZ, 2016).<sup>10</sup>

Ao comentar a construção de “Rápido, furioso, muerto”, vencedora de 2016, o argentino Javier Sinay localiza o ponto de partida da história em uma denúncia de um advogado do Estado, Julián Axat, defensor de menores/adolescentes em conflito com a lei. Ao trazer o tema à tona, o advogado citou seis casos de jovens, de 11 e 16 anos, assassinados a tiros na cidade de La Plata em menos de um ano (2012-2013). Havia coincidências entre eles pois todos eram jovens com antecedentes criminais e problemas nas delegacias de seus bairros. Era recorrente que os homicídios tivessem acontecido em situações de roubo a um policial à paisana (“iba de civil”), que respondia a tiros, gerando registros, a seguir, como legítima defesa. O defensor pediu à Suprema Corte de Justiça da província de Buenos Aires uma investigação, exigindo dos responsáveis uma tarefa mais séria que não apenas tomar a versão oficial dos policiais. Segundo Sinay

---

<sup>10</sup> Uma versão ampliada da reportagem “Exxon Valdez: una mancha de 25 años” foi publicada na edição digital de El Mundo. A mais breve, na impressa. A edição ampliada virou livro após o Prêmio Gabriel García Márquez.

(2016), a denuncia apareceu nos jornais diários, como o *La Nación*.<sup>11</sup> Depois disso, a revista *Rolling Stone* decidiu trabalhar “un **reportaje grande**”:

Rolling Stone privilegia, de acuerdo a su línea editorial, las historias individuales, de modo que mi editor (Juan Ortelli, director editorial de la revista) y yo elegimos una sola historia entre las seis de la serie de Axat. En un principio, investigué cuatro historias (Axel Lucero, Omar Cigarán, Maximiliano de León, Franco Quintana). Pasaron unos tres meses hasta que decidimos que la de Lucero era la que nos interesaba. ¿Por qué nos interesó ese caso? Porque tenía un elemento diferente: el de las motos. Que era un asunto muy significativo a nivel cultural en los barrios populares argentinos: en las periferias urbanas, los jóvenes compraban, vendían, cambiaban, armaban y desarmaban motos todo el tiempo. El caso era muy representativo de la serie de Axat y, por otro lado, también nos permitía poner en discusión el tema del uso de armas de parte de policías fuera de servicio. Este tema es polémico: los policías antes estaban obligados por ley a llevar su arma las 24 h. del día. Ahora, es optativo. Pero casi todos llevan su arma, todo el tiempo, porque dicen que si no lo hacen pueden ser víctimas de alguna venganza. Esto puede derivar en tiroteos irregulares, en muertes ajenas e incluso propias. Por último, había un eje personal: la historia de Axel Lucero, el adolescente de 16 años que había cambiado su barrio de clase trabajadora por otro más peligroso, era profundamente humana en tanto mostraba la búsqueda de la aventura y de los límites, algo que cualquier adolescente hace.

Confome Sinay (2016), uma vez escolhida a história de Axel Lucero, foram necessários cinco meses de investigação e escrita até a publicação da “nota”. Esta é a expressão utilizada pelo jornalista para fazer referência ao trabalho. E explica: “A mí me gusta pensar que es una ‘**nota**’. Nota: la unidad más básica del periodismo. Una **nota**, como las que escribimos todos los días, aunque más grande, pero hecha con la misma técnica y en el mismo lugar (una redacción) que las demás” (SINAY, 2016).

Em termos de gênero, conclui, seu trabalho é **periodismo/jornalismo narrativo**: “Me gusta este término porque pone en evidencia que, de uno u otro modo, esto sigue siendo periodismo y no otra cosa” (SINAY, 2016).

## ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS

Sem um fechamento conclusivo, uma vez que o percurso da pesquisa ainda segue sendo construído, cabe ressaltar que as diferentes pistas dos textos, além das

<sup>11</sup> Ver: <http://www.lanacion.com.ar/1586589-homicidios-de-menores-la-muerte-de-omar-y-otras-sospechas-sobre-la-policia-bonaerense>. Acesso em: 3 fev. 2017.

percepções colhidas com os três vencedores em entrevistas individuais, reiteram a potência da narrativa como lugar de exploração das realidades da AL, como materialidade dos entrecruzamentos que conformam acontecimentos e espaços. A tradição e força da escrita de Gabriel García Márquez, aliada ao poder de atração das iniciativas da *Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano*, faz do *Prêmio Gabriel García Márquez* um espaço privilegiado de encontro de uma extensa cartografia pelas emergências de diferentes países e que dão a conhecer as muitas facetas da AL e seus rostos.

Todo contexto dos trabalhos concorrentes e ganhadores pode ser entendido também pela ótica do que Herrscher (2013) define como periodismo narrativo, ou seja, como jornalisticamente podemos contar a realidade utilizando “as armas da literatura”. Sua percepção, reflete, é devedora de diferentes jornalistas, entre eles o próprio Gabriel García Márquez. Conforme Herrscher, o jornalista narrador deve se direcionar ao encontro dos personagens, colocando-se no lugar do Outro, onde suas vozes cobram vida, os detalhes reveladores e a seleção de histórias, recortes e enfoques. É nesse sentido que destacamos, nas partes iniciais do texto, por exemplo, a presença das fontes testemunhais como uma das forças de tais narrativas, completando a leitura, depois, com os demais elementos.

Conforme Resende (2009, p. 38, acréscimo nosso):

Articulando-se no tecido da vida, ele [o jornalista] deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve. Ainda que seja dado ao primeiro o privilégio da escrita, ele não faz sua a voz do outro e nem se propõe, tão-somente, a parafrasear suas fontes, como acontece com o texto jornalístico que nada mais faz do que obedecer as regras do discurso dado como legítimo.

Ao alimentar tal atitude, o jornalismo inscreve-se na matriz constitutiva do mundo da vida que é a linguagem. A temporalidade não pode ser apreendida diretamente, somente a partir da mediação da narrativa, acionando modos de dizer e de fazer que tornam possível um horizonte de sentido na experiência social e intersubjetiva. A partir do apelo das emergências de nosso tempo, ir ao encontro de testemunhas e protagonistas do que movimenta a vida cotidiana, como no caso dos textos brevemente explorados aqui, permite um encontro cuja força é a de ruptura, ou seja, que pode permitir um reconhecimento mais amplo da “humanidade” presente em cada história e de como ela se articula no tecido social. A narrativa jornalística, advinda do trabalho da reportagem ampliada, tal vimos nos exemplos aqui mencionados, não é

uma simples modalidade textual, tampouco pode ser traduzida somente por uma técnica. O cenário que se descortina requer, logicamente, mais olhares.

## REFERÊNCIAS

ALMAZAN, Alejandro. **Sobre “Carta desde La laguna”**. 2016. Entrevista concedida via e-mail a Luana Micheli Gras Teixeira, Maiara Rudinea Rauber, Rafaela de Moraes Rodrigues e Reges Schwaab.

**FNPI**. Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano. A fundação de Gabo: FNPI, oficina de jornalismo em transformação. Informe de Gestão. [http://www.fnpi.org/sites/default/files/Informe\\_de\\_gestion\\_FNPI\\_2012-2013\\_Portugues.compressed.pdf](http://www.fnpi.org/sites/default/files/Informe_de_gestion_FNPI_2012-2013_Portugues.compressed.pdf). Cartagena das Índias, Colômbia: FNPI, 2014.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo: cómo contar la realidad con las armas de la literatura**. Barcelona, Espanha: Universitat de Barcelona, 2013.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009. Acesso em: 17 dez. 2016.

SINAY, Javier. **Sobre "Rápido, furioso, muerto"**. 2016. Entrevista concedida via e-mail a Luana Micheli Gras Teixeira, Maiara Rudinea Rauber, Rafaela de Moraes Rodrigues e Reges Schwaab.

SUÁREZ, Eduardo. **Sobre “Exxon Valdez: una mancha de 25 años”**. 2016. Entrevista concedida via e-mail a Luana Micheli Gras Teixeira, Maiara Rudinea Rauber, Rafaela de Moraes Rodrigues e Reges Schwaab.